

IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DAS DIFERENTES METODOLOGIAS DE ENSINO NOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO

Aline Basile Quadrado Serodio e Susete Figueiredo Bacchereti, (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A fim de contribuir para a compreensão dos impactos psicossociais em alunos de Ensino Médio a presente pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica compara as principais metodologias de ensino aplicadas no Brasil, avaliando seus impactos na construção da individualidade e senso crítico dos alunos de Ensino Médio. Este estudo, é baseado em 20 artigos nacionais elaborados nos últimos cinco anos, encontrados nas plataformas SciELO, PePSIC, FAPEPSI e bibliotecas digitais de universidades federais brasileiras.

Dessa forma, analisa-se características pertinentes da vivência da adolescência, incluindo a crise de identidade conforme descrita na Teoria do Desenvolvimento de Erik Erikson, bem como aspectos da metodologia proposta pelo Ensino Médio brasileiro tradicional. A vulnerabilidade já intrínseca da adolescência em conjunto com as crises sociais contemporâneas é capaz de gerar adoecimento psíquico. Segundo dados do relatório da Situação Mundial da Infância, de 2021, estima-se que quase um a cada três adolescentes de 10 a 19 anos viva com algum transtorno mental no Brasil, propiciando maior risco de automutilações, depressão e suicídio (UNICEF, 2021). Perante diversas mudanças sociais aceleradas, houve a perda de demarcações, ritos e tradições que norteavam a sociedade para o indivíduo em formação (Saggse, 2021). Assim, a juventude contemporânea se orienta praticamente solitária, cujo único mecanismo de instrução se torna a escola, demarcada por um ensino majoritariamente tradicional que reflete as características sociais massificadas que influenciam na autorreflexão do indivíduo (Freire, 1998). Logo, julga-se necessário analisar o impacto das metodologias de ensino nos alunos de Ensino Médio para se identificar quais valores são instituídos a adolescência contemporânea por meio da educação que intensificam o adoecimento psíquico.

Palavras-chave: Crise identitária, Ensino Médio, Metodologia de Ensino.



ABSTRACT

To understand the psychosocial impacts on high school students, this qualitative bibliographic review research compares the main teaching methodologies applied in Brazil, assessing their impacts on the development of individuality and critical thinking among high school students. This study is based on 20 national articles published in the last five years, found on platforms such as SciELO, PePSIC, FAPESP, and digital libraries of Brazilian federal universities.

Thus, it analyzes relevant characteristics of adolescent experiences, including identity crisis as described in Erik Erikson's Developmental Theory, as well as aspects of the methodology proposed by traditional Brazilian high school education. The intrinsic vulnerability of adolescence, combined with contemporary social crises, is capable of causing psychological distress. According to the 2021 State of the World's Children report, it is estimated that nearly one in three adolescents aged 10 to 19 in Brazil lives with some mental disorder, leading to higher risks of self-harm, depression, and suicide (UNICEF, 2021).

In the face of accelerated social changes, there has been a loss of demarcations, rites, and traditions that guided society for the developing individual (Saggse, 2021). Consequently, contemporary youth are guided almost in isolation, with the school being their only mechanism of instruction, characterized by a predominantly traditional education that reflects the massified social characteristics influencing individual self-reflection (Freire, 1998). Therefore, it is deemed necessary to analyze the impact of teaching methodologies on high school students to identify which values are instilled in contemporary adolescence through education, which may exacerbate psychological distress.

Keywords: Identity crisis, High school, Teaching methodology

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa adotou uma abordagem interdisciplinar, integrando *insights* da Psicologia e da Pedagogia, a fim de compreender as raízes e dinâmicas dos impactos psicossociais nos alunos do Ensino Médio. Por meio de uma análise qualitativa dos dados coletados e organizados sistematicamente de trinta artigos referentes as metodologias de ensino aplicadas no Brasil, avaliando seus impactos na construção da individualidade e senso crítico dos alunos de Ensino Médio.

Para compreender as relações entre educador e aluno torna-se crucial analisar quem são os jovens contemporâneos e sua construção, uma vez que para o adolescente conseguir usufruir do processo educacional ele deve se identificar com a organização aplicada pela instituição na qual estuda, sendo assim uma peça fundamental da metodologia de ensino. Desta forma, este artigo identifica algumas das questões emocionais vinculadas a vivência da crise identitária do adolescente destacando a importância de estudos descritivos referentes a saúde mental neste grupo de estudo, uma vez que se identificou o aumento de diagnósticos psicopatológicos entre os jovens conforme afirmado em artigos produzidos nos últimos cinco anos, encontrados nas plataformas SciELO, PePSIC, FAPEPSI e bibliotecas digitais de universidades federais brasileiras, por meio das palavras-chave: Crise identitária, Ensino Médio e Metodologia de Ensino.

A relevância deste estudo reside no aumento de transtornos ansiosos nos adolescentes, que pode influenciar significativamente comportamentos individuais e coletivos em várias esferas da vida para além do ambiente escolar. Além disso, ao seguir estritamente os princípios éticos e metodológicos estabelecidos pelos órgãos reguladores, espera-se contribuir de forma significativa para o avanço do conhecimento científico sobre esse tema, promovendo assim um debate informado e responsável sobre saúde mental, avaliando o papel da escola em estipular mecanismos de autorregulação e inteligência emocional nos alunos de ensino médio.

Vê-se, nesse sentido, que o processo de escuta ativa das demandas dos alunos e colocá-los no centro do processo educacional apresentam-se como metodologias de ensino que estimulam o autoconhecimento e reconhecimento emocional dos adolescentes. Uma vez aplicados na educação escolar, é possível questionar os valores aplicados ao sujeito, evidenciando sua subjetividade e contribuindo para a sociedade para além da escola. Desta forma, esta pesquisa, pode auxiliar no vínculo entre alunos e profissionais de ensino, além de propiciar discussões sobre saúde mental, necessária tanto para a equipe pedagógica quanto para os próprios jovens do Ensino Médio brasileiro. Vale ressaltar que este estudo demonstra, uma das possíveis interpretações e alternativas educacionais.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O conceito de “adolescência” passou a ser identificado por psicólogos somente no século XX, utilizando-o para se referir a uma fase cronologicamente específica no qual o indivíduo se prepara para a vida adulta e permanecendo legalmente como criança (Tambe, 2018). A partir do século XX, houve maior enfoque sobre os pensamentos, comportamentos e sentimentos expressados pelo adolescente (Lepre, 2003). Vale ressaltar que tal conceito somente pode se desenvolver a partir de processos civilizatórios que possibilitaram o reconhecimento do adolescente e a divisão do desenvolvimento humano por faixa etária (Spitz, 1997). De acordo com a Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, legalmente, o adolescente é aquele entre 12 e 18 anos de idade.

Há diversas teorias psicológicas que buscam compreender o adolescente que colaboram para a definição de “adolescência” como uma etapa de transição entre o ser criança e o vir a ser adulto que culmina com a questão identitária (Salles, 2005). O psicólogo do desenvolvimento Erik Erikson compreende que existem oito estágios do desenvolvimento psicossocial em que ocorrem interações entre elementos harmoniosos e desarmoniosos (Feist, 2007). Dentre eles, o quinto estágio do desenvolvimento consiste na adolescência, demarcada pela crise entre identidade e confusão. Ressalta-se que o período de transição vivenciado se denomina crise, porém esse termo pode nomear períodos inesperados de transição ou períodos inerentes ao desenvolvimento humano (Caplan, 1980).

Nesse estágio de desenvolvimento, o adolescente compreende sua singularidade e seu papel social, com o intuito de tornar um adulto com uma identidade única, coerente e valorizada socialmente (Papalia, 2006). A alteração radical do corpo proveniente da puberdade em conjunto com os questionamentos e situações sociais vivenciadas, colocam o adolescente a diversas possibilidades e escolhas conflitantes, as quais devem ser selecionadas especificamente relacionadas a compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos (Erikson, 1998). As mudanças corporais e emocionais da puberdade também refletem diretamente no desenvolvimento e evolução da personalidade e no posicionamento do indivíduo perante a sociedade (Santos et al., 2021).

A identidade também se forma a partir dos questionamentos quanto a escolha da ocupação, adoção de valores e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória para o próprio sujeito (Papalia, 2006). Esses múltiplos papéis podem provocar o afastamento do adolescente de sua integração ao mundo socialmente construído pelos adultos dependendo do modo que ele vivencia a crise (Lepre, 2003). Além disso, a alta quantidade de indagações e estímulos propiciados pela própria sociedade contemporânea atual, colabora para uma vivência negativa da crise identitária do adolescente, uma vez que a perda de demarcações,

ritos e tradições que norteavam a sociedade para o indivíduo em formação foram dissolvidas (Saggse, 2021). Assim, a juventude contemporânea se orienta praticamente solitária e sem direcionamento com a tentativa de encontrar sentido em sua existência. O adolescente levanta questões em relação a própria identidade em relação ao outro tais como: quem sou eu, como o outro me vê e qual o meu papel nas relações construídas (Veríssimo, 2002).

Ademais, a experiência do adolescer constrói-se imaginário do ser adolescente como uma forma de se postergar a fase adulta com uma certa liberdade e rebeldia (Haag, 2007). A adolescência se mostra de forma ideológica e cultural que ultra valoriza a juventude, e compreende o adolescente como uma forma mais prazerosa da vida desvinculada com as obrigações relativas a esta fase, sendo um período repleto de ousadia e independência. Apesar do elemento fantástico estabelecido na narrativa, o ideal do adolescente rebelde e livre está implementado na sociedade contemporânea e interfere nos comportamentos do indivíduo desde a infância (Calligaris, 2000).

O adolescente é uma criação da cultura ocidental contemporânea, em que prevalece um culto da infância, que se acompanha de um movimento de postergação da entrada na fase adulta, seja porque vigora a ideia de aproveitar ao máximo um período supostamente isento de preocupações, seja porque se tem em vista favorecer um desenvolvimento que possibilite um preparo para a assunção de tarefas adultas da vida (Haag, 2007).

O ambiente escolar possui um impacto significativo durante o adolescer, influenciando diretamente nos questionamentos e valores sociais refletidos naquele ambiente uma vez que que os alunos passam no mínimo 13 anos de sua vida no ambiente escolar de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. No Brasil, mesmo com as diversas metodologias de ensino aplicadas nas escolas a educação brasileira, o modelo educacional torna-se majoritariamente bancário em colégios públicos e particulares, onde os conteúdos pragmáticos são transmitidos aos alunos sem a possibilidade de questionamento (FREIRE, 1998). Quem realiza o planejamento dos conteúdos estudados nas escolas brasileiras é o Ministério da Educação (MEC) e a diretoria junto com a equipe pedagógica da própria instituição de ensino a partir desde parâmetro, se organiza para transmitir os conteúdos da forma desejada. A Base Nacional Comum Circular (BNCC) escrita pelo MEC estabelece dez competências que devem ser trabalhadas ao longo da escolaridade básica para resolver demandas complexas da vida cotidiana contribuindo para a transformação da sociedade, dentre elas, agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (BNCC, 2018).

Porém, a qualidade da aprendizagem é multifatorial e não necessariamente é obtida exclusivamente planejamento curricular, nas habilidades pedagógicas ou utilização de recursos audiovisuais, entre outros (Cruz, 2017). A metodologia tradicional de ensino que possui caráter racional e conteudista ainda se torna predominante na atualidade e visa impedir interferências dos alunos no processo, possibilitando maior controle e padronização (Mourthé et al., 2018). Tal metodologia já foi descrita por Paulo Freire (1998) que parte do pressuposto que o sistema educacional é fruto de determinada sociedade, trazendo consigo diversas características sociais dentre elas, o vínculo entre oprimido e opressor. Freire defende que esta metodologia de ensino usufrui de uma relação de opressão entre o educador, visto como detentor do saber, e os alunos, que são interpretados como recipientes vazios, prestes a serem preenchidos. Desta forma, o sistema de ensino ainda se concentra no exercício educacional baseado na repetição, controle e disciplina (Mourthé et al., 2018). No entanto, há um dilema educacional entre a urgência metodologia de ensino a permanência majoritária de uma metodologia conteudista que segue indiferente às descobertas de como as pessoas podem aprender (Mourthé et al., 2018). Sendo assim, a qualidade da aprendizagem na atualidade passa a ser sustentada pelo relacionamento pessoal entre professor e aluno e não necessariamente com enfoque nas habilidades pedagógicas (Marques et al., 2021). Contudo, ressalta-se o desconhecimento dos professores do real impacto da metodologia de ensino aplicada.

O que não percebem os que executaram a educação “bancária”, deliberadamente ou não (porque há um sem-número de educadores de boa vontade, que apenas não se sabem a serviço da desumanização ao praticarem o “bancarismo”), é que nos próprios “depósitos” se encontram as contradições, apenas revestidas por uma exterioridade que as oculta. E que, cedo ou tarde, os próprios “depósitos” podem provocar um confronto com a realidade em devenir e despertar os educandos, até então passivos, contra sua “domesticação” (Freire, 1998).

Além da metodologia tradicional de ensino, evidencia-se a distinção entre ensino público e privado. Apesar do estigma associado a decadência e na má qualidade do ensino público brasileiro, é muito difícil afirmar de maneira homogênea de que o ensino público é inferior à educação privada, uma vez que se diferenciam na forma de investimento, contexto sociocultural e institucional, entre outras particularidades. Contudo, o modelo educacional conteudista tradicional ainda se torna majoritário nestas instituições e necessita se adequar a

um novo paradigma que privilegie o desenvolvimento de capacidades cognitivas superiores tais como, por exemplo, análise, síntese e criatividade (Oliveira et al.,2021).

A alta frequência no Brasil de adoecimento psíquico de adolescentes que frequentam o Ensino Médio, torna-se um importante fator de análise de metodologia de ensino. Os alunos brasileiros já vivenciam uma condição intrínseca de vulnerabilidade junto com as demandas escolares, dentre elas, o vestibular. O vestibular é um exame classificatório e excludente (Harper et al.,1980) que ocasiona uma situação de estresse no jovem, que pode lidar com essa situação sem nenhum mecanismo interno ou externo, desencadeando psicopatologias como depressão, ansiedade e distúrbios do humor (Silva; Zanini, 2011). Sendo assim, vale questionar se as competências socioemocionais são necessariamente adquiridas pelos alunos ao longo da escolaridade básica e se reforça a importância do intuito deste estudo de revisão bibliográfica de compreender as metodologias de ensino aplicadas no Brasil, avaliando seus impactos na construção da individualidade e senso crítico dos alunos de Ensino Médio.

Apesar dos conteúdos formais acessíveis ao aluno através da escola serem selecionados pelo Ministério da Educação, o ambiente escolar não se limita apenas a estes conhecimentos. O adolescente também desenvolve o reconhecimento de suas emoções, aprende a lidar com as frustrações, e é introduzido em muitos constructos sociais, pessoas de diferentes culturas e personalidades, fazendo com que o jovem aprenda a reconhecer as diferenças e lidar com o outro, assim podendo construir a sua própria identidade fora do núcleo familiar (Ferreira, 2023). A escola exerce um papel fundamental na construção identitária em que o indivíduo aprende a viver em grupo inicialmente através do brincar, que na adolescência é substituído pelas tarefas escolares no modelo de escola tradicional, que deposita conteúdos pragmáticos no indivíduo abrindo pouco espaço para criatividade (Freire, 1998), priorizando a competição, trabalho e prazos. Segundo Ferreira (2023), comportamentos agressivos, de retraimento e regressão podem surgir como resposta à necessidade do indivíduo de se proteger da rejeição e de ser aceito socialmente, pelos pares e professores. Um grande desafio da atualidade encontra-se no aumento do adoecimento psíquico que impacta diretamente no seu aprendizado e no seu convívio com os demais indivíduos. Segundo dados do relatório da Situação Mundial da Infância, de 2021, estima-se que quase um a cada três adolescentes de 10 a 19 anos viva com algum transtorno mental no Brasil, propiciando maior risco de automutilações, depressão e suicídio (UNICEF,2021).

Antes do início do século XXI no Brasil, crianças e adolescentes com problemas mentais eram submetidos a uma abordagem de institucionalização reparadora e disciplinar, sem uma perspectiva de cuidados integrados, conforme descrito por Rocha e Kinker (2024). Somente após os movimentos de redemocratização vinculados a Constituição de 1998, crianças e

adolescentes passaram a ser considerados com base na garantia de direitos e no cuidado para ações de cuidado integral. Porém, queixas dos adolescentes à responsáveis ou professores muitas vezes contém um estigma associado a representações da normalidade e anormalidade vinculadas a padrões socialmente estabelecidos. Dessa forma, segundo aponta Tanaka e Laridsen Ribeiro (2006) há dificuldade no diagnóstico assertivo de problemas de saúde mental entre os jovens devido a tendência de atribuição de crédito aos comportamentos e valores morais genéricos. Além disso, os adolescentes sofrem influência do estigma da adolescência em crise e problemática, e passam a vivenciar o adolescer com certo distanciamento e redução de experiências comunicativas prazerosas e com escuta qualificada (Rocha e Kinker, 2024).

A inteligência emocional tem sido colocada em destaque em decorrência ao aumento de adoecimento psíquico entre jovens e adultos. Segundo um relatório de 2023 Saúde Mental no Mundo, publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), uma em cada oito pessoas vive com alguma doença ou transtorno mental. Segundo Sousa e Silva (2023), os adolescentes é são predispostos ao desenvolvimento de ansiedade e esta psicopatologia pode influenciar no desenvolvimento e/ou agravamento de outras patologias de caráter psicológico ou não. No Brasil, as habilidades emocionais não eram incorporadas diretamente na BNCC até 2018, com a inserção do tópico *“Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”* (BNCC, 2018, p.10).

Ao longo da história da pedagogia e da psicologia escolar, surgiram educadores que expressaram a importância e a necessidade de integrar e desenvolver princípios pedagógicos pautados nas questões emocionais, uma vez que na escola, os afetos sempre foram presentes. Assim, reforçar a dimensão emocional em conjunto com a cognitiva nos processos de aprendizagem influencia a motivação e favorece um clima adequado para aprendizagem no contexto de sala de aula (Freire et al., 2012). Dessa forma, uma possível alternativa para auxiliar a experiência da adolescente pode ser através de uma educação emocional, promovendo um processo de aprendizagem em que crianças e adolescentes desenvolvem valores, atitudes e competências que possibilitam o entendimento e compreensão das próprias emoções (Carmo, 2023). Diante esta perspectiva, a realização de oficinas auxilia o protagonismo juvenil com a participação ativa do sujeito em ações, atividades ou projetos com o intuito de solucionar problemas cotidianos reais (Costa, 2021).

Em vista o surgimento de novas demandas sociais, o uso de metodologias ativas de ensino surge como uma possível alternativa de reduzir as consequências da metodologia de ensino tradicional conteudista. Conforme afirmado por Diesel et al. (2017), *“o método*

tradicional prioriza a transmissão de informações e tem sua centralidade na figura do docente, no método ativo, os estudantes ocupam o centro das ações educativas e o conhecimento é construído de forma colaborativa”.

Na educação ativa os alunos participam de várias atividades e desenvolvem habilidades como das quais algumas das mais importantes são as de avaliação, reflexão, análise e síntese, podendo até ser mais efetiva que a metodologia tradicional de ensino, principalmente em relação a abordagens didáticas caracterizadas pela memorização e pela compreensão abrangente de sistemas estáticos (Marques et al., 2021). O aprendizado ativo pode colaborar para amenizar os impactos psicossociais negativos através parceria entre professor e aluno na busca pelo conhecimento baseada no diálogo, na sondagem de conhecimentos, comportamentos e competências prévias, bem como nas percepções sobre as temáticas propostas, em conjunto com o desenvolvimento emocional, social e ético do indivíduo (Bonwell, 1991). Dessa forma, desenvolvendo competências éticas, políticas e técnicas, aperfeiçoando a aprendizagem e notas dos alunos (Marques et al., 2021). Contudo, julga-se necessário que as instituições de ensino tomem decisões sobre qual método de ensino é mais adequado às suas respectivas realidades de uma maior profissionalização docente acerca dos diversos métodos (Marques et al., 2021).

Partindo da importância da formação individual e intrapessoal que circunda o ambiente escolar, o desenvolvimento do projeto de vida surge como um mecanismo alternativo que coloca o aluno em local de destaque no processo de aprendizagem.

O projeto ou plano de vida representa o que o indivíduo quer ser e o que ele vai fazer em certos momentos de sua vida, bem como as possibilidades de alcançá-lo. Projeto de vida, num sentido amplo, é tornar conscientes e avaliar nossas trilhas de aprendizagem, nossos valores, competências e dificuldades e também os caminhos mais promissores para o desenvolvimento em todas as dimensões. É um exercício constante de tornar visível, na nossa linha do tempo, nossas descobertas, valores, escolhas, perdas e também desafios futuros, aumentando nossa percepção, aprendendo com os erros e projetando novos cenários de curto e médio prazo. É um roteiro aberto de autoaprendizagem, multidimensional, em contínua construção e revisão, que pode modificar-se, adaptar-se e transformar-se ao longo da nossa vida (Moran, 2017).

Considerando a importância da formação individual e intrapessoal que circunda o ambiente escolar, percebe-se a importância de o estudante identificar e realizar um projeto de vida, estimulando o reconhecimento emocional e os princípios éticos da sociedade brasileira, tais elementos já descritos na BNCC. A introdução do projeto de vida no modelo do Novo Ensino Médio, proposto pela Lei Nº 13.415 no terceiro artigo parágrafo sete.

Art. 3º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 35-A: Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento: I - linguagens e suas tecnologias; II - matemática e suas tecnologias; III - ciências da natureza e suas tecnologias; IV - ciências humanas e sociais aplicadas. § 7º Os currículos do ensino médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu projeto de vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais.

Essa medida torna-se benéfica ao promover o autoconhecimento dos adolescentes exercendo atividades práticas que estimulem o projeto de vida, satisfazendo a demanda dos jovens. No entanto, ainda não é possível estabelecer como cada instituição de ensino brasileira, irá realizar esse exercício na prática a partir dos valores e da metodologia vigente em cada instituição, seja ela pública ou privada. Existem diversos modelos educacionais que já encaixam a prática do projeto de vida na grade curricular dos alunos, também presentes no ensino superior. O Colégio Estadual Chico Anysio, no Rio de Janeiro por exemplo, possui uma parceria com o Instituto Ayrton Senna que realiza um curso acadêmico com metodologias integradoras, com projetos interdisciplinares, autogestão e equilíbrio, usufruindo de tecnologias digitais. Além disso, também se destaca o projeto do Governo de São Paulo “Inova Educação”) que estimulou a integração do projeto de vida, eletivas e tecnologia nas escolas paulistas (Moran, 2017).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da presente pesquisa, percebe-se as distintas possibilidades de se retratar um tema tão importante e essencial na atualidade saúde mental e educação. Em meio a uma sociedade massificada com aumento de transtornos psíquicos, julga-se necessário despertar o senso crítico e autopercepção na juventude brasileira, uma vez em que o modelo educacional brasileiro deve levar em conta os aspectos emocionais da adolescência. Apesar de existirem instituições que priorizam uma educação libertadora, ativa, com maior enfoque no desenvolvimento de habilidades socioemocionais, esse modelo torna-se desfavorecido na educação brasileira atual. Ao contrário do que se imagina, o cenário das escolas brasileiras e seu sentido para os alunos é majoritariamente positivo. O ambiente escolar junto com a sociabilidade que o cerca, traz o vínculo das relações intrapessoais que se torna crucial para a formação da identidade dos alunos, que se questionam sobre si mesmos em meio a adolescência. No entanto, a estrutura regida a partir de um sistema bancário de ensino, dificulta o desenvolvimento da subjetividade dos jovens brasileiros, que acabam sendo silenciados.

Vê-se, nesse sentido, a necessidade de valorizar os vínculos afetivos dos jovens em um sistema educacional que permeia o diálogo, assim como proposto por Paulo Freire (Freire,1998). No entanto, muito se modificou positivamente desde os escritos do autor em Pedagogia do Oprimido. Existem instituições que realizam a valorização das subjetividades de forma efetiva, trazendo impactos para além do indivíduo ao implantar os questionamentos propostos pelo projeto de vida, por exemplo. Porém, ainda surge a necessidade de que a prática da educação libertadora se amplifique no modelo educacional de ensino como um todo através do aprofundamento de inteligência emocional pela BNCC para valorizar, de forma efetiva, as demandas dos alunos silenciados por um ensino tradicional.

Vale ressaltar que a pesquisa realizada representa uma das possíveis vertentes de se retratar da educação brasileira, uma vez que nela cabem múltiplas interpretações. Todavia, a partir deste projeto de pesquisa foi possível se obter um parâmetro sobre as demandas emocionais dos alunos do Ensino Médio em relação a escola. Percebe-se e a necessidade de compreender o movimento da adolescência no século XXI e a escuta ativa dos alunos, pensando alternativas que valorizem os aspectos emocionais. Uma vez aplicados na educação escolar, é possível evidenciando o desenvolvimento da subjetividade, autonomia, autorreconhecimento e reconhecimento emocional. Esse projeto de pesquisa pode ser ampliado, surgindo múltiplas interpretações da educação brasileira e ampliando sua discussão. Assim, valorizando a subjetividade e as demandas dos alunos, aprimorando o reconhecimento socioemocional dos próprios alunos de Ensino Médio.

4. REFERÊNCIAS

ARANTES, Valéria; DANZA, Hanna; PINHEIRO, Viviane; PÁTARO, Cristina. Projetos de vida, juventude e educação moral. USP, International Studies on Law and Education, 2016. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002724987>. Acesso em: 19 set. 2023.

AVANCI, J. Q. et al. Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000300007>>. Acesso em: 7 ago. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2023.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **TESE**: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, Santa Catarina, v. 2, n. 3, ed. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/18027/16976/56348#:~:text=As>



%20entrevistas%20semi%20destruturadas%20combinam,ao%20de%20uma%20conversa%20informal. Acesso em: 18 jun. 2024.

BONWELL, C. C.; EISON, J. A. **Active learning**: Creating excitement in the classroom. Washington DC: [s.n.].

BRASIL. Assembleia Legislativa. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia Para Assuntos Jurídicos: 169º da Independência e 102º da República. Brasília, DF, 27 set. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 14 mar. 2024.

BRASIL. Assembleia Legislativa. Lei nº 13415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Presidência da República Secretaria-Geral Subchefia Para Assuntos Jurídicos: 196º da Independência e 129º da República. Brasília, DF, 16 fev. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 14 mar. 2024.

BRASIL. (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília

CAMACHO, Inês *et al.* A escola e os adolescentes: Qual a influência da família e dos amigos?. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, n. 1, 23 mar. 2023. Disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/90/1/rpca_n1_artigo_6.pdf. Acesso em: 23 maio. 2024.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. In: A ADOLESCÊNCIA. Publifolha, São Paulo: [s. n.], 2000. cap. Capítulo 4. A ADOLESCÊNCIA COMO IDEAL CULTURAL, p. 7. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/chasqueweb/edu01011/calligarisadolescencia-cap-4.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2024.

CAPLAN G. **Princípios de psiquiatria preventiva**. Buenos Aires: Paidós, 1980.

COSTA, R. R. DA; GUEDES, I. DE O.; ALBERTO, M. DE F. P. PROTAGONISMO JUVENIL E MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO: EXPERIÊNCIA EM OFICINAS TEMÁTICAS. **Psicologia & sociedade**, v. 33, 2021.



CHIUZI, Rafael M.; PEIXOTO, Bruna R. G.; FUSARI, Giovanna L. Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. **Trends in Psychology**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, dezembro 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200018#:~:text=Erikson%20diz%20que%20a%20principal,um%20papel%20valorizado%20na%20sociedade. Acesso em: 31 fev. 2024.

CRUZ, G. B. Didática e docência no ensino superior. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 98, n. 250, 2017.

DIESEL, A.; BALDEZ, A.; MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas-RS, v. 14, n. 1, p. 268-288, fev. 2017.

ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FEIST, Jess; FEIST, Gregory J. Erikson: teoria pós-freudiana. In: FEIST, Jess; FEIST, Gregory J. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Mc grall hill, 2007. cap. 9, p. 240-270. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4171704/mod_resource/content/1/Texto%20de%20apoio.pdf. Acesso em: 31 mar. 2023.

FERREIRA, F. C. S.; NAVES, N. **Amadurecimento Psíquico em Adolescentes no Contexto Escolar**. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/60334/1/FABIOLA_CRISTINA_SOUZA_MARQUES_FERREIRA.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2024.

FREIRE, I., Bahia, S., Estrela, M. T., & Amaral, A. (2012). A dimensão emocional da docência: contributo para a formação de professores. *Revista portuguesa de Pedagogia*, 151-171.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: [s. n.], 1968. 256 p. ISBN 978-85-7753-418-0

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176 p. ISBN 85-224-3169-8. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023

HAAG, Carlos. A pedra no meio do caminho: Como o advento da adolescência "engoliu" os adultos do planeta. **Sociologia, Pesquisa Fapesp**, março 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-pedra-no-meio-do-caminho/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

HARPER, Babette; CECCON, Claudius; DE OLIVERA, Miguel; DE OLIVEIRA, Rosiska; FREIRE, Paulo; FONVIEILLE, Monique. **Cuidado, Escola!** desigualdade, domesticação e algumas saídas. 24. ed. [S. l.]: Editora braziliense, 1980. 117 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3278609/mod_resource/content/1/Cuidado%20Escola.pdf. Acesso em: 28 fev. 2024.

LEPRE, Rita M. **Adolescência e construção de identidade**. Slow Mind, [s. l.], v. 8, n. 2, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rita-Lepre/publication/237343201_ADOLESCENCIA_E_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE/links/573c9f6c08aea45ee84197bc/ADOLESCENCIA-E-CONSTRUCAO-DA-IDENTIDADE.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

MARIN, M. J. S. et al. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das metodologias ativas de aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 13-20, 2010.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CNE/CP nº 2, de 22 de fevereiro de 2017. **Base Nacional Comum Curricular**. [S. l.], 22 fev. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 16 out. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/?lang=pt>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MORAN, José. A importância de construir Projetos de Vida na Educação. **A importância de construir Projetos de Vida na Educação**, ECA USP, 2017. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/10/vida.pdf>. Acesso em: 18 set. 2023

MOURTHÉ JUNIOR, C. A.; LIMA, V.; PADILHA, R. Q. Integrating emotions and rationalities for the development of competence in active learning methodologies. **Interface**, Botucatu, v. 22, n. 65, p. 577-588, 2018.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**. Investigações em psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

NOVAES, M. A. B. de.; SILVA, E. S. da.; COSTA, M. K. R.; AMORIM, P. A. de.; MACHADO, F. L. M.; MACHADO, A. M. M. R.; MOURA, J. S.; PAIVA, C. R. B. de.; MARTINS, I. S.; PAULINO, F. G. de O.; ARAÚJO, M. N. de.; MEDEIROS, J. L. de.; ANDRÉ, A. S. Active methodologies in the teaching and learning process: Emerging didactic alternatives. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e37710414091, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.14091. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14091>. Acesso em: 7 aug. 2024.

OLIVEIRA, S. L. DE; SIQUEIRA, A. F.; ROMÃO, E. C. Aprendizagem Baseada em Projetos no Ensino Médio: estudo comparativo entre métodos de ensino. **Bolema Boletim de Educação Matemática**, v. 34, n. 67, p. 764–785, 2020.

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786558040132. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558040132/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PAULILO, Maria A. S. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em revista**, Londrina, v. 2, ed. 2, p. 135-148, 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf#page=13>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PESSALACIA, Juliana D. R.; MENEZES, Elen S.; MASSUIA, Dinéia. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. **Revista Bio e Tikos** : Centro Universitário São Camilo, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 423-430, 2010. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/80/Bioethikos_423-430_.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

QUIROGA, Fernando L.; VITALLE, Maria S. S. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, ed. 3, p. 863-878, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/8F4JDSPHQTKgzmYCWRsz9Rf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 31 jun. 2024.

ROCHA, A. C. G. F.; KINKER, F. S. . The narrative experience in listening spaces as an enhancer of the process for adolescent autonomy within the scope of practice in mental health Primary Care. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 13, n. 4, p. e7813444924, 2024. DOI: 10.33448/rsd-v13i4.44924. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/44924>. Acesso em: 7 aug. 2024

SAGGESE, Edson. **Uma Juventude à Flor da Pele**: o dilema de adolecer ou adoecer. Educação e realidade: Seção temática: Adolescência na cidade: questões para os campos da psicanálise, educação e política, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. p.1-18, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/LKH9ghWwXMhs6grJ5YWPdxy/?lang=pt>. Acesso em: 2 aug. 2024.

SALLES, Leila M. F. Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, ed. 1, p. 33-41, janeiro-março 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/p6nq9YHw7XT7P7y6Mq4hw3q/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2024

SANTOS, ThaynanSilva et al. Analisando os distúrbios funcionais do transtorno de ansiedade em adolescentes de 14 a 19 anos pela terapia ocupacional. **RECISATEC-RE-VISTA**



SENADO FEDERAL. **Ansiedade e depressão são os principais vilões da saúde mental.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/sis/noticias-comum/ansiedade-e-depressao-sao-os-principais-viloes-da-saude-mental>>. Acesso em: 8 ago. 2024.

SILVA, Lorena S. D.; ZANINI, Daniela S. Coping e saúde mental de adolescentes vestibulandos. **Estudos de Psicologia**, [s. l.], v. 2, p. 147-154, 16, maio-agosto 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/bpVwdSZ4JGVCQjrdzdNnpYQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SILVA, M. R. DA; KRAWCZYK, N. R.; CALÇADA, G. E. C. Juventudes, novo ensino médio e itinerários formativos: o que propõem os currículos das redes estaduais. **Educação e Pesquisa**, v. 49, 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

SOUSA, Kézia dos Santos; SILVA, Patrícia Oliveira. **TRANSTORNO DE ANSIEDADE EM ADOLESCENTES: IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO E AGRAVAMENTO DE OUTRAS PATOLOGIAS.** Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, [S. l.], v. 27, n. 4, p. 1962–1973, 2023. DOI: 10.25110/arqsaude.v27i4.2023-023. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/saude/article/view/9733>. Acesso em: 7 ago. 2024.

SOUZA, Sainara R.; TEIXEIRA, Irenides. O adoecimento psíquico vivenciado na adolescência no período pré-vestibular. **Humanidades e Inovação: Educação, sociedade e violência**, Tocantins, v. 3, n. 2, p. p.63-73, 29 set. 2016. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/196>. Acesso em: 10 mar. 2023

TJPE (Pernambuco). Notícias TJPE. In: VELOSO, Ivone; MOREIRA, Saulo. **Estatuto da Criança e do Adolescente completa 32 anos nesta quarta-feira (13/7).** [S. l.], 13 jul. 2022. Disponível em: <https://www.tjpe.jus.br/-/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-completa-32-anos-nesta-terca-feira-13-7-#:~:text=O%20ECA%20disp%C3%B5e%20sobre%20a,e%2021%20anos%20de%20idade>. Acesso em: 12 out. 2023.

UNICEF (REGIONAL BRIEF: LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN). By the numbers. **The state of the world's children on my mind:** Promoting, protecting and caring for children's



mental health, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/108126/file/SOWC-2021-Latin-America-and-the-Caribbean-regional-brief.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2024.

VAZQUEZ, D. A, et al. **Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19**. Saúde Debate. Rio de Janeiro, V. 46, N. 133, P. 304-317, Abr-Jun 2022.

VERISSIMO, R. **Desenvolvimento psicossocial (Erik Erikson)**. Porto: Faculdade de Medicina de Porto, 2002. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/9133/2/13864.pdf>. Acesso em: 26 jun 2024..

Contatos: alineserodio12@gmail.com e susete.bacchereti@mackenzie.br